

SOBRE TRANSIÇÕES NA ORGANIZAÇÃO TEXTUAL*

Maria Antónia Coutinho

O termo *sequência*, frequente na área dos estudos linguísticos sobre o discurso e o texto, aparece predominantemente associado à noção de unidade composicional: nos clássicos *Texto y contexto* e *La ciencia del texto*, de van Dijk¹, considera-se que a sequência é constituída por uma série de proposições (só sendo reconhecida como tal no caso de possuir uma macroestrutura); Jean-Michel Adam, por sua vez, entende que a sequência é formada por macro-proposições, constituídas, por sua vez, por *n* proposições². Faria sentido, no contexto destes encontros, relacionar essa unidade composicional com o espaço que é o texto, mas limitar-me-ei a evidenciar a própria noção de sequência como espaço – perspectiva que Alain Lecomte desenvolveu em vários artigos e que poderá ser aqui introduzida nos termos utilizados pelo autor, num artigo de 1983:

A un premier niveau d'approximation, nous appellerons séquence tout fragment de discours, bloc de formulations, suite de phrases qui se développe sur un même lieu.

LECOMTE 1983:d/3

* A versão escrita, agora apresentada, beneficiou de comentários oportunos da Prof^ª Luísa Optiz.

¹ Veja-se van DIJK 1977-1984 e, em particular, 1978-1983:54-56.

² Está aqui em causa, sobretudo, ADAM 1992 – sem prejuízo do interesse que possam oferecer trabalhos anteriores do autor (nomeadamente ADAM 1987 e ADAM 1990).

É a noção topológica de lugar que está aqui em causa – como o autor faz questão de explicitar, logo de seguida³. Poder-se-ão rever algumas noções básicas nessa matéria, consultando o Anexo. Relativamente à definição de sequência, na perspectiva topológica em que Lecomte a situa, podemos dizer:

- que a sequência é um espaço;
- que esse espaço, enquanto espaço topológico, é munido de uma família de conjuntos com propriedades particulares, isto é, de abertos;
- que uma família de abertos de intersecção não vazia constitui um *objecto discursivo* da sequência.

Importa aqui sublinhar a noção de *objecto discursivo* e reportá-la – como de resto faz o próprio Lecomte – à perspectiva de lógica natural desenvolvida por Jean-Blaise Grize e vários outros investigadores, no quadro do Centre de Recherches Sémiologiques de Neuchâtel. Em poucas palavras, poder-se-á dizer que um objecto de discurso se caracteriza pelo facto de ser construído no discurso e pelo discurso: é que se o discurso fala de objectos, diz deles o que lhe convem – intervindo selectivamente, de acordo com a situação, sobre o conjunto de aspectos normalmente associados ao(s) objecto(s) em causa⁴. Essa elaboração do objecto do discurso processa-se através de operações diversas: a operação de *ancrage* que introduz, através de uma expressão nominal, o fragmento retido do pré-construído cultural, sendo depois operações de *ingrediência*, *determinação*, *simbolização* e *condensação* que percorrem o objecto, enriquecendo-o, modificando-o, isolando determinados aspectos⁵. O objecto discursivo apresenta-se assim como uma totalidade de aspectos em relação uns com os outros e cada um com o todo, que emergem tanto do já-dito pelo discurso como do pré-construído convocado pelo discurso. E porque os aspectos considerados tanto podem ser elementos como ingredientes ou agregados, o objecto discursivo é normalmente visto, em trabalhos do Centro de Neuchâtel, como classe mereológica ou classe colectiva –

³ Importa referir o amplo aproveitamento, nomeadamente de ordem psicanalítica, em que o autor enquadra a abordagem topológica.

⁴ Segundo Grize, o conjunto de aspectos normalmente associados a um objecto constitui o *feixe do objecto*. Cf. GRIZE 1990:78

⁵ Para uma descrição detalhada dessas operações poderá consultar-se VERGÈS, P., D. APOTHÉLOZ e D. MIÉVILLE 1987: 209-224 e GRIZE 1990, em particular o capítulo 10 (pp. 78-90), precisamente intitulado "Quelques opérations d'objet".

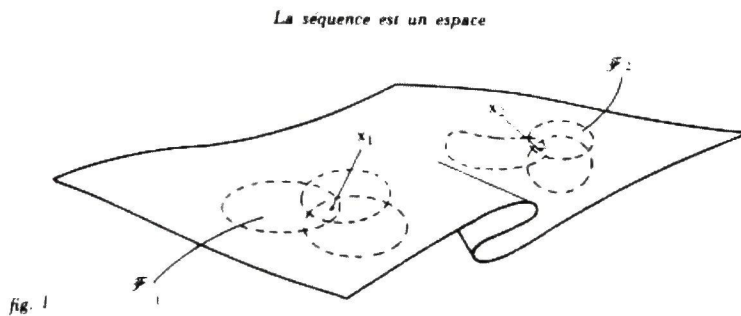
Sobre Transições na Organização Textual

que, em termos simplificados, se pode distinguir da classe extensional pelo facto de esta conter apenas elementos homogêneos. Eis então que chegamos ao ponto que interessava: é a mesma noção de objecto discursivo que se deixa tratar em termos lógicos, como classe mereológica, ou em termos topológicos, como família de abertos (de intersecção não vazia).

Sendo a última perspectiva aquela que me propus aqui abordar, retenhamos duas das formulações que parecem fundamentais:

- uma família de abertos de intersecção não vazia constitui um objecto discursivo da sequência;
- quando, no movimento de um texto (são palavras do próprio Lecomte) ⁶ se passa de uma família de abertos para outra, há deslocação de um lugar para outro.

São estes dois aspectos que se podem ver representados na figura que se segue, reproduzida de LECOMTE 1986:



F_1, F_2 : famílias de abertos de intersecção não vazia que correspondem a "objectos de discurso"

x_1, x_2 : pontos-limite ou pontos de acumulação de F_1 e F_2

traduzido de LECOMTE 1986:105

A que corresponde isto, em termos textuais? Vamos procurar observá-lo, recorrendo a excertos⁷, por facilidade de exposição. Começemos pelo primeiro caso considerado – aquele em que não deslocação de lugar:

⁶ Cf. LECOMTE 1986:95.

⁷ Os primeiros excertos a serem apresentados são retirados de um artigo de J. Tito Mendonça, intitulado "A fusão nuclear controlada e as experiências Tokamak", publicado na *Colóquio/Ciências* n^o14, 1992, pp. 29-40.

É bem conhecido que *as formas renováveis de energia* – como a *energia solar, o vento, as marés, a energia hídrica e a biomassa* – apresentam inúmeras vantagens do ponto de vista ecológico, embora *elas* obriguem a um enorme investimento tecnológico. O principal obstáculo à *sua utilização* reside na *sua fraca "densidade"*. A *sua utilização* obriga a ocupar extensas regiões, o que *as* torna potenciais concorrentes da actividade agrícola. (...)

Como se pode ver, o objecto que que corresponde ao primeiro grupo nominal sublinhado é retomado de diversas formas: desdobrado através da ocorrência dos grupos nominais introduzidos pelo morfema *como* ("a energia solar", "o vento", "as marés", "a energia hídrica", "a biomassa"); retomado pelas expressões anafóricas em ocorrência (também sublinhadas), quer globalmente ("elas", "as"), quer na perspectiva de aspectos parcelares em destaque ("a sua utilização", "a sua fraca densidade"). É o que Lecomte designa por *operação de percurso* (entendendo *operação* no sentido matemático do termo⁸), particularmente assumida pelas expressões anafóricas (mas também, como neste caso, por grupos nominais) que percorrem o espaço do objecto discursivo – isto é, percorrem o conjunto de abertos que corresponde a aspectos do objecto; não sendo vazia a intersecção dos abertos percorridos, o seu efeito reside pois na constituição de um lugar comum – o espaço da sequência⁹.

O segundo caso – aquele em que há deslocação – torna-se visível na continuidade do excerto:

Quanto à *[a]energia nuclear, ela* pode aparecer sob *duas formas distintas*. A primeira é *a energia libertada por fissão de núcleos pesados* como o Urânio, (...).§ (...) § *A outra forma de energia nuclear*, já bem conhecida pelas suas aplicações militares, desde a explosão da primeira bomba H, é *a que resulta da fusão de núcleos leves*, como o Deutério ou o Trítio, que são dois isótopos do Hidrogénio. (...)

A mudança de lugar coincide com a deslocação de uma família de abertos (que aparecia introduzida, como se viu, pelo grupo nominal "as formas renováveis de energia") para a família de abertos que agora assinala "[a] energia nuclear" – a propósito da qual se realiza de novo uma operação de percurso. Não fossem os conhecimentos limitados,

⁸ Lecomte toma *operação* no sentido matemático do termo, como lei de composição interna sobre um conjunto (e não na como "acção produzida por um sujeito", na linha de Piaget).

⁹ $(O_1, O_2, \dots, O_n) \rightarrow O_1 \cap O_2 \dots \cap O_n$ sendo que $O_1 \cap O_2 \dots \cap O_n \neq \emptyset$

no que diz respeito à matéria tratada, e poderíamos fazer o exercício de continuar a *percorrer* esta família de abertos (é fácil, em qualquer caso, imaginar o prolongamento construído, por exemplo, sobre *as suas vantagens... as suas desvantagens...*). Ou, por outras palavras: até onde pode derivar, ou alargar-se, uma família de abertos? A resposta tem a ver, é claro, com um critério de pertinência – isto é, com a estabilização daquilo que é considerado 'em relação com' – ou não¹⁰.

Mas mais importante, agora, é dar conta do outro tipo de operação de que fala Lecomte – a operação de compactificação¹¹ – para o que poderá ser útil rever a noção topológica de *vizinhança* e de *espaço compacto*, apresentadas em Anexo.

Em termos topológicos, a operação de compactificação tem como efeitos:

- reunir os aspectos do objecto (previamente) percorridos:

$$(O1, O2) \rightarrow O1 \cup O2$$

- compactificar o maior aberto assim obtido –

$$O1 \cup O2 \rightarrow K (O1 \cup O2)$$

- constituir um novo objecto, tomando uma vizinhança do compacto K –

$$K (O1 \cup O2) \rightarrow v (K (O1 \cup O2))$$

No caso do discurso, dir-se-á que o espaço de uma sequência é compacto quando, da enumeração de aspectos que descrevem o objecto, se pode extrair uma enumeração finita que é suficiente para o pôr em destaque. Um deíctico, um nome próprio ou uma descrição definida serão marcas da operação de compactificação – isto é, constituem o ponto-limite de uma série de formulações que o precedem, ou antecedem. Note-se em primeiro lugar que o espaço pode ser compac-

¹⁰ Poder-se-á a este propósito lembrar como Joëlle Kohler-Chesny – também colaboradora do centro de Neuchâtel – mostrou que a derivação constitutiva de um objecto discursivo permanece no interior de um espaço de pertinência (o que vem a propósito) e coerência (relações estabelecidas) em que ele é conservado, e que releva do que designa como perspectiva topicalizante "à la fois l'objet et la marge de discours sur lui" Cf. KOHLER-CHESNY 1982:96

¹¹ Nos dois artigos a que me venho referindo, de 1983 e 1986, Lecomte utiliza os termos *compactification* e *compactifier* – e não *compactage* e *compacter*, registados em *Le Grand Robert de la Langue Française* (edição de 1985, tomo II). Mantenho por isso, em português, *compactificação* e *compactificar*.

tificado, ou não¹². No caso de haver compactificação, esta pode surgir no princípio ou no fim da sequência – ou a um nível sumariamente referido por Lecomte como mais elevado que o da sequência¹³. Recuando um pouco, relativamente aos excertos utilizados até aqui, poder-se-á agora verificar que o espaço é compactificado logo na abertura – sendo que as expressões definidas “[as] energias renováveis” e “[a] energia nuclear” constituem a enumeração finita que precede a descrição dos objectos denominados como tal:

§ Para substituir os combustíveis fósseis podemos recorrer essencialmente **às energias renováveis e à energia nuclear**. É bem conhecido que as formas renováveis de energia – como a energia solar, o vento, as marés, a energia hídrica e a biomassa – apresentam inúmeras vantagens do ponto de vista ecológico, embora elas obriguem a um enorme investimento tecnológico. O principal obstáculo à sua utilização reside na sua fraca “densidade”. A sua utilização obriga a ocupar extensas regiões, o que as torna potenciais concorrentes da actividade agrícola. (...) Quanto à [a]energia nuclear, ela pode aparecer sob duas formas distintas. A primeira é a energia libertada por fissão de núcleos pesados como o Urânio, (...).§(...) § A outra forma de energia nuclear, já bem conhecida pelas suas aplicações militares, desde a explosão da primeira bomba H, é a que resulta da fusão de núcleos leves, como o Deutério ou o Trítio, que são dois isótopos do Hidrogénio. (...)

Trata-se, em casos como este, de operações de *iniciação da sequência*, tipicamente asseguradas por nomes próprios ou descrições definidas – que constituem o ponto-limite que pode designar todos os outros “nomes” (do objecto) da sequência. Repare-se que a introdução de novos objectos corresponde ao abandono de um outro objecto, assinalado por repetição da expressão nominal (“os combustíveis fósseis”) que o havia anteriormente introduzido e disponibilizado para uma operação de percurso¹⁴. Essa repetição assume uma função anafo-

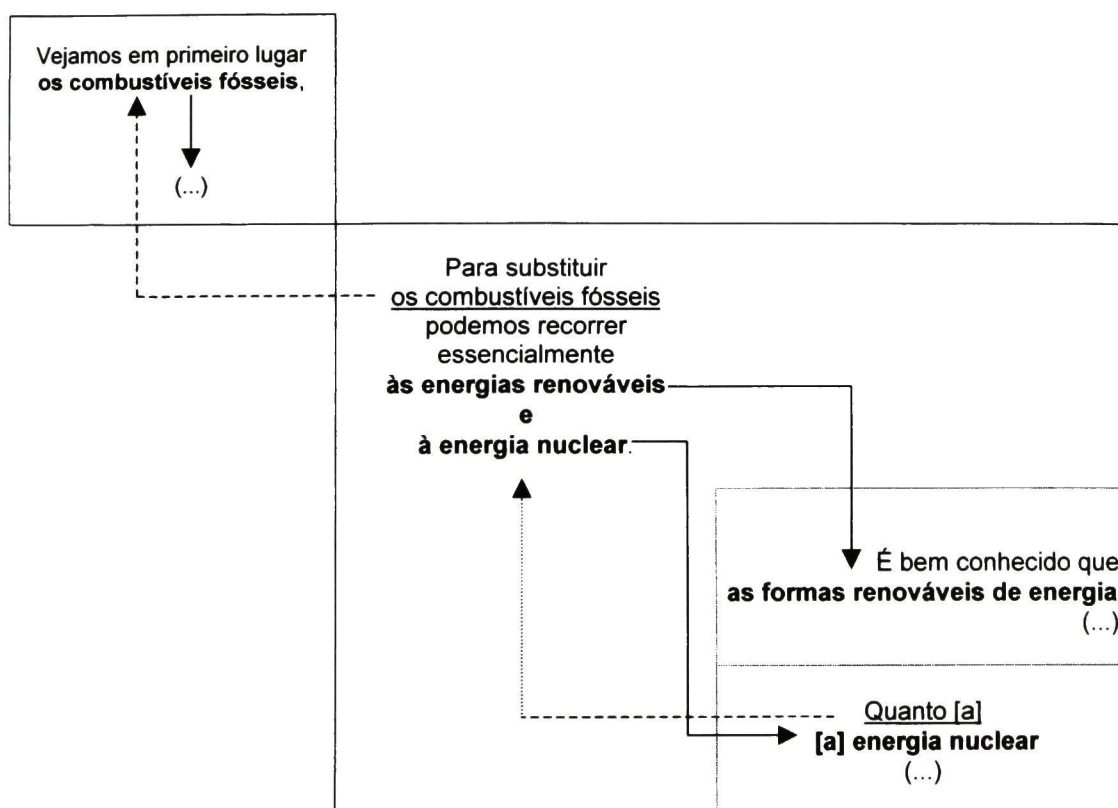
¹² Como faz notar Lecomte, o efeito de duração (*durée*) resulta da ausência de compactificação.

¹³ Cf. LECOMTE 1983:d/16. Esse nível que Lecomte diz mais elevado que o da sequência parece aproximar-se da noção de sequência que referi no início: a sequência como unidade composicional, constituinte do texto e susceptível em última análise – tendo em conta níveis hierarquizados de organização macroestrutural – de coincidir com o próprio texto.

¹⁴ “Vejam em primeiro lugar *os combustíveis fósseis*, como *o carvão, o petróleo e o gás natural*, que neste momento constituem a principal fonte de energia à escala mundial. Embora *as reservas conhecidas do petróleo e do gás natural* cheguem apenas para algumas dezenas de anos, *as reservas de carvão* são enormes, e permi-

Sobre Transições na Organização Textual

rizadora, equivalente à que asseguraria a ocorrência do pronome: [Para **os** substituir, podemos recorrer essencialmente às energias renováveis e à energia nuclear]. A improbabilidade desta hipótese prende-se com a distância a que já se encontra, no espaço do texto, o único nome que, por compactificar o conjunto de abertos associado aos nomes em ocorrência, poderia funcionar como antecedente linguístico do pronome – evitando-se a eventual ambiguidade que daí podia advir com a repetição da expressão nominal (em vez da sua anaforização). Também sobre o morfema *quanto a* recai uma função de anaforização: ao mesmo tempo que anuncia uma mudança de objecto, assinala que este já foi anteriormente introduzido. Representando esquematicamente o que acaba de ser dito, poder-se-á observar melhor como as compactificações (representadas por setas a cheio) e as anaforizações (representadas por setas a tracejado) contribuem para estabelecer o movimento de transição na organização textual:



tiriam encarar o futuro com alguma tranquilidade, se *a queima destes combustíveis* não causasse uma produção alarmante de CO₂, e não ameaçasse por isso o equilíbrio térmico do nosso Planeta. § (...).”

Neste outro exemplo – o parágrafo que abre o texto de que me tenho vindo a servir – a compactificação surge no fim como processo de *totalização da sequência* (tipicamente assegurada por expressões deícticas e marcas de terminação):

Obrigados a enfrentar uma enorme expansão demográfica (4 biliões de pessoas em 1975, o dobro em 2030), os homens sentem que os seus recursos se tornam cada vez mais escassos, e que o seu Planeta se torna cada vez mais pequeno. É pois essencial encontrar novas formas de produção de energia, capazes de satisfazer as necessidades da espécie humana, a médio e a longo prazo. É também necessário e urgente aprender a preservar o Ambiente, ou a não o destruir em demasia. Isso obriga a que **essas novas fontes de energia** sejam relativamente limpas, ou pouco poluentes.

Note-se também como a compactificação define um ponto de vista sobre o objecto – que é encarado na perspectiva do nome que o compactifica (em detrimento de outros nomes possíveis). Poder-se-á dizer que a expressão que marca a operação de compactificação atesta também o ponto de vista do sujeito – a ser entendido, de acordo com a perspectiva de Lecomte, como a posição que o sujeito ocupa. É que o facto de se lidar com o sentido matemático do termo *operação*, como já foi dito¹⁵, implica que se desloque a problemática do(s) sujeito(s) do discurso: em vez de sujeitos que executam operações, o que encontramos são sujeitos que ocupam os lugares por elas criados. Vejam-se as próprias palavras do autor – tendo em conta que propõe designar como operações de formulação as operações que iniciam e totalizam uma sequência:

"Il ne saurait plus être question en effet d'un "sujet" extérieur à son "discours" (assimilé en ce cas à un simple comportement") qui opérerait avec les mots pour les faire "ré/rai/sonner", mais seulement de positions ou de points de vue de sujets qui sont dégagés dans le mouvement du discours et qui se tiennent dans le discours. C'est dans ce sens que les opérations de formulation impliquent des sujets: non des sujets qui les "exécutent", mais des sujets qui se logent aux places qu'elles déterminent."

LECOMTE 1983:d/21

¹⁵ Reveja-se a nota 8.

Sobre Transições na Organização Textual

O objecto que resulta da operação de compactificação pode de resto ser retomado a partir de uma posição diferente – isto é, de um ponto de vista diferente. Observe-se o seguinte excerto¹⁶:

(...) Propusemos acima, em (2), (...), que palavras como *perigosamente* não são signos simples, mas uma combinação determinada de signos individualmente simples, cada um representando a reunião de uma parte discreta do sentido da palavra com uma parte discreta da sua forma. **Esses elementos** são o que, no estruturalismo americano, geralmente se designa por **morfemas**.

Como se pode ver, na expressão "Esses elementos" – que compactifica o espaço da sequência – aloja-se um primeiro ponto de vista, que poderemos considerar neutro ou, pelo menos, não científico. O mesmo objecto é logo de seguida retomado através de uma outra designação¹⁷ – "morfemas" – que corresponde ao ponto de vista informado, ou científico (o ponto de vista do estruturalismo americano).¹⁸

Como se viu, as operações de compactificação constituem um dos processos fundamentais de organização textual: como mecanismos de iniciação e totalização, elas configuram blocos textuais – isto é, conjuntos organizados a que se poderá chamar unidades textuais – proporcionando simultaneamente a transição entre eles.

¹⁶ O excerto é retirado de FARIA, I., E. PEDRO, I DUARTE e C GOUVEIA (orgs.), (1996), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*, Lisboa, Caminho, p. 223

¹⁷ Trata-se de facto de um dos tipos de operações de objecto a que se refere Grize; são as operações θ , ou operações de designação, que obedecem genericamente ao esquema: nome de um elemento → nome do mesmo elemento. Cf. GRIZE 1990:87-89.

¹⁸ Não pode deixar de ser curiosa a convergência a que se chega, por esta via de análise e descrição, com a teoria polifónica da enunciação desenvolvida por Ducrot (cf. DUCROT 1984:171-233).

ANEXO

- Um *espaço topológico* é constituído por um conjunto E e um conjunto O de partes de E , chamados abertos de E , verificando-se os seguintes axiomas:
 1. Qualquer reunião de abertos é um aberto;
 2. A intersecção de dois abertos é um aberto;
 3. E e \emptyset são abertos
- Chama-se *vizinhança* de um ponto de E qualquer parte de E que constitua um aberto contendo esse ponto; se a é um ponto de E , chama-se vizinhança de a a qualquer parte V de E , desde que exista um aberto O de E tal que
$$a \in O \subset V$$
- Uma parte A de um espaço topológico (E, O) é um *aberto* se e só se essa parte é vizinhança de cada um dos seus pontos
- Diz-se de um espaço (K) que é compacto se, de uma família de abertos que cobre esse espaço, se pode extrair uma sub-família *finita* que recobre K

Fontes:

DELACHET, André (1978), *La topologie*, Paris, P.U.F.

LECOMTE, Alain (1983), "Raisonnement: quand dire c'est faire voir", *Travaux du Centre de Recherches Sémiologiques* 44 (Anexo), Universidade de Neuchâtel

Bibliografia

- ADAM, J.-M., (1987), "Textualité et Séquentialité. L'exemple de la description", *Langue Française* 74, 51-72
- , (1990), *Éléments de linguistique textuelle*, Liège, Mardaga
- , (1992), *Les textes: types et prototypes. Récit, description, argumentation, explication et dialogue*, Nathan
- DIJK, T. A. van, (1977-1984), *Text and context. Explorations in the Semantics and Pragmatics of Discourse*, London, Longman (trad. Esp. *Texto y Contexto. Semántica y Pragmática del Discurso*, Madrid, Catedra, 1980, 2ª ed. 1984)
- , (1978-1983), *Tekstwetenschap. Een Interdisciplinaire Inleiding*, Het Spectrum B.V. (trad. esp. *La Ciencia del Texto. Un enfoque Interdisciplinario*, Barcelona, Ediciones Paidós, 1983)
- DUCROT, O., (1984), *Le dire et le dit*, Paris, Les Editions de Minuit
- GRIZE, J.-B., (1990), *Logique et langage*, Paris, Ophrys
- , (1996), *Logique naturelle et communications*, Paris, Presses Universitaires de France

Sobre Transições na Organização Textual

- KHOLÈR-CHESNY, J., (1982), "Les bornes du discours et l'espace des inférences", *Travaux du Centre de Recherches Sémiologiques* 41, Université de Neuchâtel, 87-104
- LECOMTE, A., (1983), "Quand dire c'est faire voir", *Travaux du Centre de Recherches Sémiologiques* 44, Université de Neuchâtel, d/1-d/43
- , (1986), "Espaces des séquences: approche topologique et informatique de la séquence", *Langages* 81, 91-110
- MIÉVILLE, D. e D. VERNANT (dir.), (1996), *Recherches sur la philosophie et le langage* n°16 ("Stanislaw Lesniewski aujourd'hui")
- VERGÈS, P., D.APOTHÉLOZ e D. MIÉVILLE, (1987), "Cet obscur objet du discours: opérations discursives et représentations sociales", *Revue Européenne des Sciences Sociales* XXV, 1987 n°77, 209-224